

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA



PUC-SP

JULIANA ROBINSON DORIA

**A DIALÉTICA DO AMOR E DO ÓDIO:
SEU PAPEL NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA**

São Paulo

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

JULIANA ROBINSON DORIA

**A DIALÉTICA DO AMOR E DO ÓDIO:
SEU PAPEL NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob a orientação da Profª Drª Márcia Almeida Batista

São Paulo

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Márcia Almeida Batista

À todos os meus professores

À comunidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo pelo apoio

À minha família

À minha amiga e colega Laura Silva Vicente de Azevedo

Quando eu amo, eu devoro todo meu coração
Eu odeio, eu adoro, numa mesma oração

– Chico Buarque

RESUMO

DORIA, Juliana Robinson. **A dialética do amor e do ódio: seu papel na constituição psíquica**. São Paulo, 2023.

Este trabalho visa abordar a dialética entre o amor e o ódio e seu papel na constituição psíquica com base na perspectiva psicanalítica de Sigmund Freud, Melanie Klein, Donald Winnicott e Jacques Lacan. O método desse trabalho consiste em uma revisão de literatura, onde é feita uma compreensão da complexidade dos afetos do amor e do ódio como sendo cruciais no desenvolvimento do indivíduo. Em síntese, amor e ódio não devem ser vistos como opostos irreconciliáveis, eles podem coexistir, se entrelaçar ou até mesmo se transformar um no outro. Amor e ódio são intrínsecos e interdependentes, sendo fundamentais na constituição psíquica do humano.

Palavras-chave: amor; ódio; constituição psíquica; psicanálise

ABSTRACT

DORIA, Juliana Robinson. **The dialectic of love and hate: its role in psychological development.** São Paulo, 2023.

This work aims to address the dialectic between love and hate and their role in psychic constitution, based on the psychoanalytic perspective of Sigmund Freud, Melanie Klein, Donald Winnicott and Jacques Lacan. The method of this work consists of a literature review, where an understanding of the complexity of the emotions of love and hate is made, considering them crucial in individual development. In summary, love and hate should not be seen as irreconcilable opposites; they can coexist, intertwine, or even transform into one another. Love and hate are intrinsic and interdependent elements in the human experience, playing a fundamental role in the subject's psychological development.

Keywords: love; hate; psychological constitution; psychoanalysis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 MÉTODO.....	09
2 DEFINIÇÃO DE AMOR E DE ÓDIO.....	10
3 MITOLOGIA DO AMOR E ÓDIO.....	10
4 AMOR E ÓDIO EM FREUD.....	14
5 AMOR E ÓDIO EM MELANIE KLEIN.....	27
6 AMOR E ÓDIO EM WINNICOTT.....	29
7 AMOR E ÓDIO EM LACAN.....	32
8 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	35
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

O amor e o ódio são sentimentos intrínsecos à experiência humana, permeando nossas relações interpessoais e moldando nossa constituição psíquica, sendo justamente esse papel fundamental que o amor e o ódio têm na constituição psíquica, o motivo pelo qual escolhi esse tema extremamente relevante.

Por meio desse trabalho, busquei compreender como esses sentimentos se entrelaçam, influenciam-se mutuamente e desempenham papéis cruciais no desenvolvimento e amadurecimento do indivíduo. Além de enfatizar como esse tema está presente no cotidiano do ser humano, tendo suas raízes em mitos arcaicos. Dessa forma, optei por fazer uma revisão bibliográfica tendo como foco explorar a relação e papel do amor e ódio na constituição psíquica sob o ponto de vista da psicanálise.

Ao longo dos anos, a psicanálise tem se debruçado sobre esse tema abrangente levantando a complexidade desses sentimentos e seu papel na formação do sujeito. A abordagem psicanalítica, desenvolvida por Sigmund Freud e aprofundada por outros renomados teóricos, como Melanie Klein, Donald Winnicott e Jacques Lacan, nos oferece uma base teórica rica e complexa para investigar essa temática. Através de estudos e análises clínicas, esses estudiosos revelaram as nuances da relação entre amor e ódio, desde os estágios iniciais da vida até as interações sociais mais complexas. Isso me levou a escolher justamente tais autores para aprofundar minha compreensão acerca do tema.

No decorrer deste trabalho, examino as contribuições desses autores e suas perspectivas sobre o amor e ódio na constituição psíquica. Analiso os conceitos dos construtos teóricos elaborados por esses autores, tal como o estágio do espelho, a relação mãe-bebê, a ambivalência afetiva e os processos de identificação, entre outros conceitos-chave. Minha intenção é compreender como esses sentimentos se entrelaçam, se transformam e influenciam a construção do eu e das relações interpessoais.

Também discuto a importância da ambivalência emocional na vida psíquica, explorando os efeitos da falta, do desejo e da frustração na dinâmica amor-ódio. Investigo como a presença do outro, tanto como objeto de amor quanto de ódio, molda a identidade e afeta o desenvolvimento emocional e social.

No transcorrer desse projeto, agrupei e me aprofundei em um conjunto de textos e artigos sobre o tema, correlacionei-os uns aos outros discutindo suas semelhanças e diferenças com o intuito de, no final, concluir como a relação do amor e do ódio está presente na constituição psíquica.

Ao final deste estudo, obtenho uma compreensão mais aprofundada sobre a complexa interação entre amor e ódio na constituição psíquica, contribuindo para a reflexão sobre as dinâmicas emocionais e interpessoais presentes na vida humana, especialmente do desenvolvimento psíquico. Pude compreender que esses afetos convivem harmoniosamente e exercem funções essenciais na construção de identidade do indivíduo.

1. MÉTODO

O método desse trabalho consiste em uma revisão da literatura, sendo que a partir da releitura de textos e de seus discursos é criado um discurso próprio. Concomitante às delimitações teóricas, metodológicas e práticas da sua ciência, busco como pesquisadora criar uma outra maneira de escrever e me aprofundar sobre o conteúdo em questão.

Esta pesquisa acadêmica visa fazer uma releitura teórica a fim de discursar acerca do tema dialética do amor e do ódio e seu papel na constituição psíquica, apoiando-se na exposição de ideias e pontos de vista que tem como base o referencial bibliográfico que se relaciona ao determinado tema. Para isso foram feitos estudos bibliográficos específicos que tangem a temática em questão, onde os dados advindos da investigação partem de um estudo de artigos e revistas publicados em diversos periódicos, especialmente utilizando as bases de dados científicas Scielo e Google Acadêmico com os seguintes descritores: “amor”, “ódio” e “constituição psíquica”.

A busca pelos artigos ocorreu entre o ano de 2022 e 2023, onde se analisou a produção científica relacionada ao amor e ódio na constituição psíquica através da perspectiva dos autores da psicanálise, no caso especificamente Sigmund Freud, Donald Winnicott, Melanie Klein e Jacques Lacan.

Após a seleção dos artigos, todos foram lidos na íntegra e depois tabulados mediante características identificadas como relevantes para a presente revisão bibliográfica, levando em consideração suas referências, a revista na qual foram

publicadas, no tipo de estudo (qualitativo ou quantitativo) e no tema. Depois da análise dos artigos selecionados através das suas categorias, foram produzidos resultados que foram descritos, analisados e discutidos em subitens.

2. DEFINIÇÃO DE AMOR E DE ÓDIO

O termo amor é utilizado constantemente no cotidiano das pessoas sendo definido de maneiras diversas. De acordo com o dicionário Michaelis (2022), amor é um sentimento que faz o indivíduo desejar o que considera belo, digno ou grandioso, é uma afeição que une uma pessoa a outra, ou a uma coisa. Esse sentimento muitas vezes se manifesta em forma de atração física definindo-se concomitantemente como um ato sexual ou um instinto resultante de tal atração. Desse modo, amor pode se referir ao desejo intenso e ao apego a outras pessoas, coisas, objetos ou ideias que proporcionem prazer, entusiasmo e paixão.

O dicionário Michaelis (2022) também define o ódio que, por sua vez, trata de uma aversão ou repugnância direcionada a alguém ou à alguma coisa; sinônimo de antipatia, desprezo, odiosidade e rancor.

Na perspectiva da psicanálise, Laplanche e Pontalis (2001) não definem ódio como um conceito, sua definição está ausente, sendo pouco desenvolvida nos verbetes do dicionário. Entretanto, este afeto é mencionado diversas vezes quando se refere à sua ambivalência, ligando-se ao termo amor, incluindo assim, sua importância no processo de formação do sujeito, das relações de identificação e dos vínculos afetivos da sociedade.

Em vista disso, Laplanche e Pontalis (2001) descrevem a noção de ambivalência envolvida nas definições de amor e de ódio. Tal noção de ambivalência exprime a coexistência no mesmo plano do amor e do ódio. Em outras palavras, trata-se da “presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, fundamentalmente o amor e o ódio” (Laplanche & Pontalis, 2001).

3. MITOLOGIA DO AMOR E ÓDIO

Além das definições do dicionário Michaelis (2022) e do Vocabulário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis (2001), as raízes da definição de amor e ódio têm sua origem em mitos arcaicos e são apresentadas diferentes concepções através do

tempo. O tema amor e ódio é tratado nas obras de Dalmiro Bustos e de Robert Graves, sendo situado dentro da mitologia grega. A temática é inicialmente mencionada com o mito de Urano e Gaia, o Céu e a Terra respectivamente.

A história de criação do mundo inicia-se com a Escuridão que fez com que surgisse o Caos, dessa união surgiram a Noite, o Dia, Érebo e o Ar. A partir do encontro entre o Ar e o Dia surge a Mãe Terra, Gaia. A Mãe Terra (Gaia) emergiu, portanto, do Caos. Enquanto dormia, pariu seu filho Urano (Céu) com o qual se esposou. Urano fez cair sobre Gaia uma chuva fértil, criando a grama, flores, árvores e todos os animais lá presentes. Além disso, essa chuva de Urano preencheu Gaia e criou os lagos, mares e oceanos. Surgindo assim, o mundo.

Urano, junto a Mãe Terra, produziu os titãs, os quais foram, logo em seguida, jogados na zona do Tártaro, um lugar subterrâneo distante e sombrio, fazendo-os viver lá. Frente à punição, Gaia, por vingança, queria se livrar de Urano pedindo aos seus filhos se vingarem dele. Os titãs assim o fizeram, sendo que Cronos, representante do tempo, o filho mais novo dessa união, foi quem tomou cargo da missão. Enquanto Urano dormia, foi surpreendido pelo Pai Tempo que, com uma foice, corta seus testículos, castrando-o e atirando-os ao mar, sendo que ao caírem na água dão origem à Afrodite.

Produzida pela espuma, a deusa do desejo, da beleza, da sexualidade e do amor surge, nascendo, portanto, da ação castradora do tempo. Surgiu no mar, dentro de uma concha de vieira, sendo que por onde pisasse cresciam plantas e flores. A deusa considerada bela, vaidosa, ciumenta e vingativa, era considerada por Platão como duas, Afrodite Urania (deusa do amor puro) e Afrodite Pandemis (deusa do amor vulgar).

Afrodite foi prometida a Hefesto, deus ferreiro coxo, porém teve um infame caso com Ares, o deus da guerra, impetuoso, ébrio e irascível. Hefesto a princípio ignorava a traição, entretanto, uma noite em que os amantes passaram tempo demasiado na cama no palácio de Ares, o deus do Sol os vê se divertindo e revela para Hefesto o caso amoroso. Hefesto enfurecido se encaminha para sua ferraria onde forja uma rede fina e inquebrável de caça em bronze para colocá-lo a beira do leito matrimonial. De modo a enganar Afrodite, Hefesto lhe diz que fará um retiro na ilha de Lemnos e como resposta, Afrodite apressou-se em chamar Ares. Ambos se envolvem na cama,

porém, ao amanhecer, estavam presos na rede, nus e incapazes de escapar. Assim, ao regressar de sua viagem, Hefesto expõe o casal diante de todos, logo, a guerra e o amor descobertos em sua apaixonada união.

Os encontros de Ares e Afrodite resultaram em cinco filhos sendo eles Eros, Anteros, Fobos, Deimos e Harmonia. Diante de Eros, deus do amor, e dos danos que o amor é capaz de fazer, Zeus manda Afrodite se desfazer de seu filho julgado como maligno, sedutor e enganoso. Como consequência, Afrodite o manda para morar na floresta, onde ele se arma de um arco e flecha amadurecendo-se como um menino robusto, de aparência angelical, sorridente e alado. Eros, chamado também de Cúpidos, possui uma aparência de inocência, enquanto sua natureza oculta é concomitantemente maligna e caprichosa.

Eros era um jovem travesso que não demonstrava nenhum respeito e que perambulava com suas asas douradas jogando flechas de maneira aleatória ou intencional incendiando corações alheios. De acordo com Hesíodo, poeta grego ilustre, Eros, também considerado “paixão sexual”, era considerado uma abstração, no sentido de que a paixão sexual fora de controle pode perturbar a ordem social. Além disso, diziam que Eros tinha dois sexos e asas douradas e, por ter quatro cabeças, ora rugia como um touro ou um leão, ora silvava como uma serpente ou balia como um carneiro.

Relacionado à história de Eros, está o mito de Psique. Esta não era uma deusa e sim uma mera mortal, uma simples humana, a mais nova de três filhas de um rei de Mileto. Todas as filhas eram muito belas, mas a beleza de Psique fazia com que todos seus pretendentes tivessem medo dela. Os pais da jovem foram consultar um oráculo e este revelou o destino de sua filha, os aconselhando a vestirem-na com trajes de noiva e colocarem-na no alto de uma rocha onde se casaria por um terrível monstro. Há certas pessoas que acreditam que este era um plano da vingativa Afrodite, por ela invejar a beleza de Psique.

De cima do rochedo, Psique foi levada por um forte vento, acordando em um castelo enorme de mármore e ouro onde todos buscavam servi-la. Seu marido, era carinhoso e a fazia sentir bastante amada, porém a proibia de ver seu rosto, caso contrário ela o perderia para sempre. Eros, encarregado de prosseguir com a vingança

de sua mãe, viu-se apaixonado por Psique, mantendo-se escondido para evitar a raiva de Afrodite.

Após um tempo longe de casa, Psique pede para ir visitar seus pais e irmãs. O reencontro gera a felicidade dos pais e a inveja das irmãs, que falam para Psique desobedecer a ordem do marido e ver o seu rosto. Elas acabam convencendo-a que ela deveria vê-lo e, assim que Psique retornou ao castelo, acende uma vela e procura ver o rosto do marido. Psique viu-se encantada pela beleza oculta do seu marido e Eros, ao ver que ela tinha quebrado a promessa, a abandona.

Sem a proteção de Eros, Psique começou a vagar pelo mundo sozinha e infeliz, enfrentando diversos desafios e sofrimentos impostos por Afrodite como uma vingança por ela ter ferido o seu filho. Um dos desafios era pegar um frasco da juventude com a condição de não poder abri-lo. Entretanto, Psique abre e mergulha em um grande sonho. Diante disso, Eros, o cúpido, não havia esquecido sua amada e a acorda com uma flecha. A partir de então, Eros e Psique nunca mais se separaram.

O mito de Eros e Psique retrata a união entre o amor e a alma, uma vez que Eros representa o amor e Psique a alma. A história de dos dois retrata uma alegoria da alma humana na medida que é permeada por paixões e desgraças, representando uma transformação psíquica e um desenvolvimento da consciência ao tratar-se de uma história que envolve independência e uma história individual de uma situação humana de vida.

Através do mito de Eros, é possível observar a fusão do amor e ódio, onde a união de Afrodite com Ares, de vida e morte, em indissolúvel confluência dá origem ao terrível amor, que tem ao mesmo tempo um aspecto inocente e um monstro disfarçado de anjo. Portanto, introduz-se o discurso que relaciona amor à dor, do sofrimento à felicidade. “Aqueles que eram feridos pelas setas de Eros ficavam à mercê da ventura e da desventura, da boa e da má sorte, da fortuna e do infortúnio, como diziam os antigos” (Ferreira, Nadiá, 2004). Eros, assim, tem caráter ambivalente e dialético, marcado por sua dualidade.

4. AMOR E ÓDIO EM FREUD

O mito grego citado acima também é referido por Sigmund Freud em suas obras, diante disso, busco traçar um paralelo entre ambos tangendo o tema do amor e do ódio. Para Freud, tanto o amor quanto o ódio estão presentes na constituição psíquica do sujeito assim como aparece nas suas relações sociais durante sua vida. Ambos são sentimentos que não são vivenciados separadamente.

Através das leituras das obras de Freud, procuro construir um caminho cronológico dos textos que mencionam tanto o amor quanto o ódio, mesmo que não de maneira direta, que se relacionam com a constituição psíquica. A seguir segue um caminho do amor e do ódio em Freud, onde busco interpretar esse tema que é, por sua vez, recorrente nas obras freudianas, garantindo-se como um tópico relevante.

Em “Totem e tabu” (1913), há uma relação direta entre a ambivalência do amor e do ódio com os primeiros laços da relação entre sujeito e objeto, uma vez que abrange concomitantemente impulsos e sentimentos ternos e hostis. A relação com um objeto é permeada tanto pelo amor quanto pelo ódio. Amor e ódio estão presentes no processo de identificação e constituição do sujeito, nos laços e leis do psiquismo e nas relações socioculturais.

Na obra freudiana, o autor parte do mito da horda primitiva criado por Darwin de modo a explicar o nascimento da cultura e sua organização, sendo representação de uma formação primordial da sociedade em que os homens são conduzidos e governados incondicionalmente por um líder extremamente forte. O contexto do mito se refere ao pai da horda primeva, aquele intelectual, corajoso, confiante, violento e ciumento cuja vontade independe de outros e que tomava todas as mulheres para si, negando a satisfação pulsional de seus filhos. O Eu do pai primordial possui poucos laços afetivos e, devido à satisfação imediata dos impulsos sexuais de meta inibida, seu narcisismo cresce, além de visar somente satisfazer suas vontades narcísicas. Enquanto isso, os indivíduos necessitam o mesmo amor incondicional do líder, mas este nega aos indivíduos a satisfação de seus impulsos sexuais diretos. Cada indivíduo possui laços libidinais ligados mutuamente ao líder da massa e aos outros indivíduos desta, sendo assim governados pela influência de sugestão não só do líder como também do grupo. Logo, seu ideal de eu arrebatado sugestivamente por identificação.

Por conta dessa dinâmica com o pai da horda, o pai primordial era invejado e temido por todos da horda. Desamparados e expulsos da horda, partindo do sentimento de ódio direcionado ao pai, os filhos se unem e se organizam com o objetivo de matar e devorar o pai, consumando uma identificação com ele e apropriando-se de suas qualidades. O ódio dos filhos é o que os liga para juntos realizarem seu desejo de assassinar o pai primitivo. Os indivíduos se alinharam, mataram e devoraram o pai.

Entretanto, a morte do pai primitivo provocou o surgimento do sentimento de culpa do clã, na medida em que percebem que ao mesmo tempo que odiavam o pai também o amavam. Além do ódio sentido pelo pai, os filhos também sentiram amor em relação a ele, representado por um movimento de ternura que parte do sentimento de arrependimento. Assim revelando como o amor e ódio trabalham de maneira ambivalente na vida dos sujeitos.

Pois o ódio endereçado ao pai primordial (gozador todo-poderoso) no ato violento, a partir da incorporação e identificação, permite a entrada em cena do amor, um movimento de ternura capaz de erigir o arrependimento e, por conseguinte, o sentimento de culpa em direção à reconciliação. (CORREA, 2019)

Os filhos percebem que para não ocorrer novamente o parricídio do pai primevo é necessário a instauração da interdição do incesto, para nenhum homem ficar com uma mulher do mesmo clã, impedindo, conseqüentemente, que o ódio seja usado como instigador de violência para consigo mesmo, além de se instalar um sentimento de ligação e união entre o clã. Assim, não haverá briga pelas mesmas mulheres do grupo e os irmãos terão de se unir para conseguir mulheres em outros clãs. Dessa maneira, o tabu constitui-se do ato proibido onde a ambivalência entra em jogo na tentação de violar a proibição. O tabu define-se por Freud como “sintoma de compromisso do conflito de ambivalência”, onde a hostilidade fica recoberta pela ternura.

Se, de um lado, a base da hostilidade e do endereçamento do ódio repousa na renúncia pulsional cobrada pela cultura, de outro lado, uma das bases da cultura se funda na função de ligação do amor. Entretanto, esse mesmo amor que na origem reúne Eros e Ananké, também se contrapõe à cultura, pois “[...] o amor de meta inibida foi em sua origem plenamente sensual e o segue sendo no inconsciente dos seres humanos”, e disso se conclui que a cultura, ao cobrar do amor suas limitações, faz dela também fonte de hostilidade (FREUD, [1930] 2007, p. 100 apud CORREA, 2019)

Portanto, a partir de “Totem e tabu” há um aumento das reflexões e conceituações acerca da ambivalência do amor e do ódio em Freud. O ódio é

percebido na relação dos filhos da horda para com o pai primordial, como concomitantemente ao sentimento de ligação e união, de amor. A partir do devoramento do pai da horda primeva, Freud destaca, portanto, o acontecimento da primeira polaridade do psiquismo, por um lado o ódio e pelo outro o amor. Essa ambivalência remonta os primeiros laços da relação entre sujeito e objeto, pois na relação de um mesmo objeto de afeto tanto o amor quanto o ódio estão presentes. Isto é, há a presença de impulsos ternos e ao mesmo tempo hostis que estão presentes em toda formação cultural. As duas polaridades aqui presentes participam, portanto, do processo de identificação e da composição da constituição do sujeito. O ódio e o amor instituem os laços e leis tanto do psiquismo quanto das relações socioculturais.

Prosseguindo com o caminho do amor e do ódio nas obras de Freud, podemos destacar a relação amor e ódio na constituição do ego nas obras de Freud “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914) e “As pulsões e suas vicissitudes” (1915).

Conforme as obras de Freud, existe a menção de um afeto primário que, por sua vez, é caracterizado como ódio, um sentimento tido como anterior ao amor residindo na obtenção do desprazer. Logo, no início, o sujeito se depara com uma situação perturbadora e de incômodo, a do desprazer, do sentimento de ódio.

Não se pode negar que o odiar, originalmente, caracterizou a relação entre o eu e o mundo externo alheio com os estímulos que introduz. (...) Logo no começo, ao que parece, o mundo externo, os objetos e o que é odiado são idênticos. (Freud, 1915, p.158)

Dessa forma, o primeiro inimigo do sujeito é o mundo externo que lhe impõe limites, dor e desprazer. A partir do reconhecimento desse mundo externo, de um objeto percebido como algo de fora, delimita-se um primeiro objeto, o seio materno que, por sua vez, é devorado.

A princípio, o bebê tem apenas dois objetos sexuais, ele mesmo e sua mãe, sua figura cuidadora e protetora. A partir da sua relação com o externo torna-se evidente a relação de dependência do bebê para com sua mãe, uma vez que ao se deparar com o desconhecido e por não ter desenvolvido uma maturidade psíquica ainda, necessita emprestar o ego da mãe/cuidador. O bebê se defronta com sentimento de amor ao ter suas faltas saciadas pelo seu cuidador, mas ao mesmo tempo se depara com sentimento de ódio, angústia e terror quando falta o cuidado necessário para atender suas necessidades.

O bebê tem suas primeiras satisfações sexuais relacionadas às suas funções vitais, de autopreservação e sobrevivência, ligando-se à satisfação das pulsões do ego e tornando-se independente dele apenas no decorrer do seu desenvolvimento. Através da sua pulsão de autopreservação investe libidinalmente em si, amor-próprio, enquanto através da pulsão sexual investe no objeto externo, sua figura materna. Este primeiro objeto de desejo do bebê já manifesta sentimentos complementares de amor e de ódio, sendo uma relação que contribui diretamente para a formação do narcisismo primário do indivíduo e, conseqüentemente, da sua constituição psíquica e individualidade. Além disso, esses sentimentos, ao coexistirem, fazem parte da estruturação do ego. O ódio está ligado a sentimentos de morte e aniquilação, enquanto o amor é vital, estruturador e construtivo.

O ego do indivíduo, através do amor, busca uma satisfação erótica partindo de seus impulsos pulsionais e do prazer de órgão, incorporando objetos externos, assim demonstrando o seu narcisismo. Entretanto, caso seja incapaz de incorporar o objeto, o ego contesta por meio do ódio. Nesse caso, o ego está em função de Eros na medida em que é utilizado para preservar o ego. Dessa forma, o ego tenta, a partir do amor, manter o que lhe causa prazer; e a partir do ódio, o que lhe causa desprazer (FREUD, [1915] 1996). Assim, apenas após a organização genital ser estabelecida que o amor se torna o contrário do ódio.

De acordo com Freud o ódio

[...] provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulo. Enquanto expressão da reação do desprazer evocado por objetos, sempre permanece numa relação íntima com os instintos auto preservativo [sic], de modo que os instintos sexuais e os do ego possam prontamente desenvolver uma antítese que repete a do amor e do ódio. Quando os instintos do ego dominam a função sexual, como é o caso na fase da organização anal-sádica, eles transmitem as qualidades de ódio também à finalidade instintual (FREUD, [1915] 1996, p. 143-144)

Além disso, percebe-se que esse afeto primário, o ódio, retorna incessantemente na vida do ser humano, pois o ódio, a intolerância e a agressividade são a base da constituição do ser, sendo condições necessárias para o desenvolvimento do amor. Dessa forma, o amor torna-se indissociável do ódio, sustentam-se uns aos outros. A capacidade de amar está ligada à capacidade de odiar. O amor constitui-se como produto oposto do ódio, uma construção sintomática e, portanto, uma representação.

De modo a seguir com a cronologia das obras de Freud onde o amor e o ódio são trabalhados, percebemos que a obra “Totem e tabu” (1913) que foi retratada previamente pode ser revisitada no texto “Reflexões para os tempos de guerra e morte” (1917) onde Freud discute como o Estado exerce um papel de proibir o sujeito de praticar o mal, mas não no intuito de aboli-la, mas sim monopolizá-la e usá-la em determinados momentos, como exemplo o seu uso na guerra. Logo, o Estado utiliza do ódio comum ao inimigo, partindo da ligação do povo como uma nação.

Em seguida, na trajetória do amor e do ódio, temos o texto “Além do princípio de prazer” (1920) no qual Freud propõe novos fundamentos para a teoria das pulsões, discutindo acerca da sua dualidade. Através desse texto, Freud destaca que há certo prazer no desprazer ao perceber que em situações de sofrimento os indivíduos tendem a repetir essa experiência mesmo compreendendo o motivo delas ocorrerem. Dessa forma, traz à tona uma nova hipótese do funcionamento psíquico, o conflito de pulsão de vida com pulsão de morte.

A primeira teoria das pulsões baseava-se nas pulsões do eu que fornecem ao eu proteção, abrigo e satisfação das necessidades elementares, e nas pulsões do objeto que buscam associação erótica. Para Freud o princípio do prazer é decorrente do trabalho do objeto e tem como finalidade deslocar o indivíduo do estado de desamparo para o da configuração da ausência do objeto.

Freud julgava que as pulsões sexuais representavam Eros e que tanto o ódio quanto a agressividade eram representadas pelas pulsões de autopreservação. Entretanto, com esta obra de 1920, Freud apresenta as pulsões sexuais e de autopreservação como sendo representadas pela pulsão de vida e o ódio como sendo representado pela pulsão de morte. Além disso, o autor comenta como essas pulsões ocorrem de maneira ambivalente, estando sempre em conflito uma com a outra. Ambos podem, concomitantemente, unir ou dominar e aniquilar o outro.

De acordo com Freud, no psiquismo há tensões opostas que são acompanhadas de descargas e que a variação dessa tensão provoca uma descarga de desprazer. Frente a isso, supõe que no psiquismo existe um princípio regulador das tensões lá presentes, o chamado princípio do prazer, que busca produzir prazer e, conseqüentemente, evitar o desprazer. O princípio do prazer nem domina nem regula todos os processos psíquicos.

Freud aponta que a condição do início do aparelho psíquico é de um estado de dor e trauma remetentes às urgências vitais que geram tal estado, sendo que o aparecimento do prazer e desprazer apareceria em jogo apenas posteriormente. Estes seriam a consequência de um esforço de ligação na qual é manifestada a compulsão à repetição.

A repetição compulsiva seria uma tentativa insistente de instaurar uma ligação/nexo, revelando, ao mesmo tempo, o fracasso inicial em instaurá-lo. Assim, a partir da possibilidade de uma ligação, o aparelho psíquico é deslocado do estado de desamparo e dor para um estado regido pelo prazer. Dentro desse estado de prazer, a sinalização de alguma angústia colocaria em ação as ligações em função do pensar e viver. Logo, é através da experiência que se amplia as suas redes de ligações. O desenvolvimento e crescimento do aparelho psíquico é tido, assim, como algo externo, vindo do objeto.

De modo a exemplificar o princípio do prazer, Freud apresenta duas situações em que, por meio da repetição, o sujeito é capaz de administrar uma experiência de desprazer. A primeira situação destacada pelo autor refere-se à neurose traumática. Nessa situação o sujeito entra em contato com um choque que o coloca em risco, esta assume sua manifestação através da angústia, por sintomas e sonhos repetitivos.

A outra situação é percebida através da repetição do jogo da criança onde a mesma transforma a situação de desprazer causada pela ausência da mãe em uma atitude ativa. A criança repete as experiências de desprazer para, de certa forma, controlar a situação emocional. Inclusive, a repetição da brincadeira pode ser capaz de levar a uma elaboração que poderá ser colocada no princípio do prazer. *Fort e da* é um exemplo claro desse diálogo entre repetição, prazer e desprazer. A criança é instruída simbolicamente a lidar com a dor causada pela ausência do objeto, originando aí o princípio prazer e desprazer. Há ganhos secundários em relação aos sintomas, o ego se adapta e se adequa à situação, mesmo ela causando mal-estar.

Essas situações exemplificam a possibilidade de existir no prazer um desprazer e vice-versa. Freud, constata que o indivíduo pode sentir prazer e, de certa forma, aprender a gostar da dor. A partir dessas situações, Freud destaca como a compulsão à repetição vai além do princípio do prazer, introduzindo o termo pulsão de vida assim como seu conflito com a pulsão de morte. A compulsão de repetição está diretamente

ligada à pulsão de morte, aquela que visa autodestruição do sujeito, sendo uma tendência de retorno ao inanimado experienciado pelo sujeito, uma energia capaz de atacar o psiquismo ao paralisar os trabalhos do eu causando paralisia, dor e destruição.

A pulsão de morte é definida como a necessidade de todos os organismos de retornarem ao estado inicial, inorgânico, sem vida. Por conseguinte, a pulsão de morte se opõe à pulsão de vida. Ambas estão em constante conflito, uma deve controlar a outra, pelo menos em parte, se não haverá um desequilíbrio das pulsões. Nos momentos em que a pulsão de morte domina, a destrutividade se destaca na vida psíquica, podendo transparecer em casos como o masoquismo e o sadismo. Em contrapartida, nos momentos em que a pulsão de vida domina, a destrutividade da pulsão de morte é parcialmente neutralizada, além da agressividade se colocar a serviço do ego.

Dessa maneira, com a obra de 1920 de Freud é possível constatar que a vida psíquica é regida pelo comparecimento do prazer e do desprazer. Entretanto, deve ser destacado que o princípio do prazer não é estabelecido desde os princípios do aparelho psíquico, não é considerado “natural”, ele é resultado da intervenção do outro, da linguagem, representações de movimento corporal e outros significantes.

Além disso, o pensamento enfatizado em “Totem e Tabu” (1913) é revisitado na obra de Freud chamada “Psicologia de grupo e a análise do ego” (1921), Freud delimita uma relação entre o fundamento do social com a psicologia das massas. Nessa obra, enfatiza que os laços libidinais sustentam as massas, assim como cita a ambivalência dos laços sociais de sentimentos de hostilidade e de ternura. Demonstra como a constituição do sujeito, através da identificação, se dá a partir das relações que o sujeito tem com as massas que participa. Retrata como exemplo as religiões onde os fiéis se unem tanto pelo amor entre eles e quanto pelo ódio àqueles que não pertencem ao seu grupo. Dessa forma, o vínculo entre eles é fortalecido pelo amor de seus iguais direcionado a um mesmo líder ou causa, enquanto odeiam grupos externos ou quem não segue seu ideal. Logo, são unidos pela pulsão de vida representada pela identificação entre si e para com o líder, e pelo ódio direcionado ao outro, exemplificado por discursos de ódio, atos violentos e agressivos.

No decorrer das obras de Freud, temos como consequência da sua teoria pulsional a delimitação da segunda tópica, chamada também de segunda teoria do aparelho psíquico ou segunda teoria pulsional. O texto que apresenta essa teoria do aparelho psíquico que introduz o ego, id, superego, isso e superego é “O Ego e o Id” (1923).

Em “O Ego e o Id” (1923) Freud discorre que, com o estabelecimento do Complexo de Édipo, é possível perceber claramente o ódio e o amor executando suas funções ao mesmo tempo. O Complexo de Édipo consiste em um conflito baseado em um desejo hostil e inconsciente da criança de eliminar um de seus progenitores como forma de suprir um desejo amoroso e sexual pelo outro progenitor, com quem obteve tanto prazer. Assim, o indivíduo tem um dos seus progenitores como objeto sexual, uma vez que o deseja, mas, ao mesmo tempo, percebe que este não está à sua disposição e que o outro progenitor é a causa dele não poder realizar seu desejo. O sujeito, portanto, experimenta um sentimento ambivalente, depara-se amando e admirando o progenitor e simultaneamente o odiando, pois ele impede a realização de seu desejo. A partir disso, Freud relaciona o Complexo de Édipo com o processo de identificação do sujeito, destacando seu caráter amoroso e hostil.

Um exemplo dos dois termos é que enquanto um menino toma o pai como seu ideal e modelo identificando-se com ele, concomitantemente, realiza um investimento objetal na mãe e nota que o pai está em seu caminho e se identifica com o desejo de substituir seu pai em relação à mãe. Assim, revela-se o caráter ambivalente da identificação, no sentido que ao mesmo tempo que é uma expressão de ternura e aproximação, pode ser um desejo de afastar ou eliminar alguém, como também o fato de se derivar da primeira fase da organização da libido, em que o sujeito incorpora a si mesmo objeto que deseja eliminando-o como objeto. Isto é, um menino se identifica com seu pai imitando-o, mas, ao mesmo tempo, deseja substituí-lo em relação a mãe. Ao abandonar o Complexo de Édipo a criança deve renunciar as catexias objetais depositadas em seus pais e como compensação ocorre a intensificação das identificações com seus pais. Um processo contínuo que dura a vida inteira.

O Complexo de Édipo relaciona-se com a formação da personalidade do indivíduo na medida em que define seu comportamento na idade adulta, principalmente o referente à sua vida sexual, conforme feita a escolha objetal. Além disso marca um momento de desenvolvimento no qual o sujeito transita da esfera das

pulsões para o âmbito cultural conforme o medo da castração, ou seja, reprime sua libido, restringindo qualquer vestígio incestuoso ao seu inconsciente, ao optar pelos valores da civilização. Logo, o processo de constituição do sujeito é permeado pelo amor e o ódio, pela pulsão de vida e pulsão de morte, pela renúncia das satisfações libidinais e pela obtenção de prazer por meio de satisfações substitutivas.

Assim, com a construção da segunda tópica em 1923, Freud cria uma nova dicotomia pulsional, a de Eros-Tânatos, uma dialética estendida à dinâmica de toda substância viva. Eros tende a ligar e reunir partes, enquanto Tânatos busca desligar e destruir laços, sendo, respectivamente, sinônimos de amor e ódio. Eros e pulsão de vida são ambos sinônimos de amor, na medida em que se generalizam em uma tendência de ligar e unificar tudo. Eros constitui a tendência a formar unidades cada vez maiores e mais complexas, e não só uma tendência a retornar a unidades mais indiferenciadas. Tânatos e pulsão de morte são sinônimos de ódio e de tudo que destrói.

De acordo com Welson Barbato (2015) o amor e o ódio são um oposto que sustenta o outro. Essa constatação é baseada nos pensamentos feitos por Freud na medida em que escreve que ambos os termos são indissociáveis, um é aliado do outro, podendo o amor se transformar em ódio e o ódio se transformar em amor. Freud supõe que as transformações do amor e ódio ocorrem através de um deslocamento libidinal, retirando a energia de um para o outro, sendo indiferente e deslocável, e onde a libido deve ser considerada como dessexualizada decorrente da plasticidade das pulsões eróticas. Dessa maneira, a libido dessexualizada é guiada pela finalidade de união e ligação de Eros que, por sua vez, sustenta o novo dualismo pulsional.

Na segunda tópica freudiana, o amor deixa de ser entendido como um amor apaixonado e sexual, idealizado pela cultura do romantismo, e passa a ser compreendido a partir da tendência genérica à união, podendo ser dessexualizado. O amor antes derivado da sexualidade e do modelo amoroso que fundamentava a concepção do apaixonamento romântico muda radicalmente, sendo concebido como uma força mais ampla e abrangente do que o caráter sexual da libido.

Desse modo, com a segunda tópica, o amor e o ódio e destrutividade são postos em ênfase, havendo uma ressignificação da sexualidade, sendo esta substituída pela noção de amor, um princípio mais abrangente. O corpo erógeno deixa

de ser causa e passa a ser uma das manifestações de Eros, isto é, de um amor que tende à ligação e integração e não à excitação do corpo erógeno. Em outras palavras, a sexualidade se metamorfoseia em Eros, na força primordial que tende à unificação.

Por ser abrangente e dessexualizado, Eros não perde sua potência considerando-se como uma tendência vital, especialmente porque a noção do amor é condição da própria subjetividade. Isto é, a constituição do eu e da subjetividade só se torna possível em um mundo amoroso. Para Lejarraga (2002), a estrutura psíquica é baseada no amor, sendo resultado da internalização das relações amorosas com o mundo. Assim, de modo a constituir seu self e subjetividade, o homem precisa de um meio ambiente suficientemente bom, um mundo amoroso.

“É na dialética entre o amor e a perda, entre o mundo amoroso e frustrante, que o ser humano começa a distinguir o eu do mundo externo, se constituindo a estrutura psíquica do sujeito. Um mundo suficientemente bom, que responde amorosamente às demandas do ser em desenvolvimento, é uma condição para que o eu possa ter uma existência psicológica.” (Lejarraga, Ana Lila, p. 149, 2002)

O amor se fundamenta como força básica que estimula o desenvolvimento de unidades cada vez mais complexas e diferenciadas, dos processos de subjetivação e da crescente autonomia individual. O amor é essencial para o processo de formação do eu e da subjetivação, permitindo a separação egóica do mundo exterior e a formação de instâncias intrapsíquicas diferenciadas. Afinal, o amor impulsiona o indivíduo para o desenvolvimento e autonomia.

A partir da segunda tópica de Freud, a noção de amor se distancia da materialidade, afastando-se das correntes positivistas de seu contexto cultural. Dessa maneira, Eros tido como amplo e multifacetado afirma a potência do amor em todas as suas versões e, por conseguinte, deixa de se equivaler a um ideal romântico do apaixonamento, abrindo espaço para diferentes amores possíveis. Afinal, Eros não se reduz a um modelo amoroso, apenas permanece aberto a criação de novas formas amorosas, tendo como princípio comum a tendência à união e à aproximação dos semelhantes.

Após a construção da segunda tópica, no texto “O mal-estar na civilização” (1930) Freud determina que tendência à agressividade do ser humano é o maior obstáculo para o desenvolvimento da cultura. A cultura liga-se à Eros, tendo como objetivo a união. Entretanto, dialeticamente existe a pulsão de morte que se opõe à

ideia de união e relaciona-se diretamente com a hostilidade, sendo correlacionado à agressividade.

Nessa obra Freud enfatiza o papel do amor na busca da felicidade, na procura de intensos prazeres e na evitação da dor e do desprazer. O lado positivo da felicidade só se faz possível por meio do contraste, de forma efêmera e transitória. Entendemos que o contraste ressalta a diferença entre a presença ou ausência do prazer. Desse modo, a felicidade e o prazer são instâncias transitórias e efêmeras, enquanto a infelicidade se torna marca da vida humana. Para Freud (1930), a infelicidade parece ser o pano de fundo de um prazer episódico. Em vista disso, o apaixonamento romântico, o amor, é posto no topo de todos os prazeres, constituindo-se como um protótipo de Felicidade.

Em mal-estar na civilização, Freud ressalta que o verdadeiro “mal-estar” deriva do confronto entre Eros e Tânatos, isto é, refere-se à ambivalência e dialética entre Eros-Tânatos, à ligação e à destruição. Ao inibir a pulsão de morte e destruição, a cultura introjeta e recolhe a função agressiva no eu, fazendo com que essa entre em choque com o super eu e, conseqüentemente, fazendo com que a agressão se dirija contra si mesmo. A cultura produz um sentimento de culpa, consciência moral e ameaça a civilização, tal como é exemplificado na obra de Freud “Totem e Tabu” (1913).

A consciência moral permite distinguir o bem e o mal, e o sujeito, de modo a não perder o amor daqueles de quem depende, se submete a essa autoridade. Dessa forma, aquilo considerado mal remete-se a tudo aquilo que pode levar a uma perda do amor do outro e o sentimento de culpa surge da angústia diante da autoridade externa que, por sua vez, se transformará em angústia perante o super eu. A partir dessa renúncia, cria-se a consciência moral que passa a exigir novas renúncias.

Em vista disso, o sentimento de culpa, trabalhado também em “Totem e Tabu” (1913), expressa a ambivalência originária, o conflito entre Eros e Tânatos, uma vez que deriva de uma pulsão destrutiva que se interioriza, diante do medo de perder amor dos pais, isto é, diante de Eros, formando a consciência moral. O sentimento de culpa originado provém da dualidade entre Eros e Tânatos. Portanto, o mal-estar cultural freudiano é inseparável do conflito Eros-Tânatos correspondendo ao sofrimento devido à culpa e à angústia de saber que o homem é capaz de auto aniquilamento.

Lejarraga (2002) afirma que as paixões amorosas se encontram próximas a Tântatos e das pulsões indomáveis e disruptivas, uma vez que o *isso* tem um caráter passional, coincidindo com pulsões desenfreadas, uma força pulsional disruptiva. A paixão se afasta do Eros ampliado e conservador, sendo sinônimo da irrupção da energia pulsional indeterminada que estaria fora do campo da linguagem e do sentido. Assim, as paixões seriam expressões diretas da energia pulsional bruta, não moldada pela cultura.

Além disso, no texto “O mal-estar na civilização” (1930), Freud refere a duas vertentes de Eros: o Eros apaixonado e o Eros terno, contrapondo essas duas modalidades amorosas pela sua relação com a cultura moderna. O amor genital se vê em conflito com a cultura, enquanto o amor terno proporciona vínculos sociais vastos, ampliando cada vez mais os laços de integração. Como mencionado anteriormente, o Eros apaixonado constitui o protótipo da Felicidade no mundo moderno, buscando diminuir ao máximo a ameaça da perda de amor e os riscos do sofrimento. Por outro lado, com a referência de Freud a existência de um Eros terno, o mesmo escolhe seus objetos de afeição e não abre mão da aspiração a ser amado.

De modo a fortalecer os laços ternos e reduzir os efeitos perturbadores do apaixonamento, a cultura restringe sensivelmente o amor sexual. Ana Lila Lejarraga (2002) discorre: “O processo civilizador cobra do homem sacrifícios de sua sexualidade provocando um mal-estar inerente a sua condição civilizada”. Assim, o Eros terno e o Eros apaixonado opõem os interesses culturais e as aspirações funcionais da comunidade e do indivíduo.

De modo a viver na civilização, o homem colocou barreiras às suas satisfações sexuais e agressivas. Para Freud ([1930 (1929)] 1996, p. 126), “a civilização constitui um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade”. Sigmund inclui o papel do ódio nessa função, fazendo com que ódio e amor dividem o domínio do mundo. Afinal, a vida é a constante luta entre essas pulsões intrínsecas.

Enquanto Eros possui a tendência de integração e ligação, sua amplitude e multifatorialidade trabalha tanto a favor como contra a civilização e os seus interesses. Dessa forma, há duas facetas de Eros, aquele que está a serviço da cultura na medida

em que ambos visam preservar e integrar os seres humanos, como também o Eros selvagem, passional e destrutivo da ordem social, aproximando-se de Tânatos.

O Eros civilizador, seria o domesticado e inibido, renunciando à felicidade plena, e o Eros passional seria antagonista da cultura, visando a felicidade suprema. Pode-se notar a tendência de escolher a segurança, de evitar o desprazer com o amor terno, se conformando com prazeres menores. Conseqüentemente, o Eros civilizador torna-se sinônimo de infelicidade e sacrifício da vida passional. A idealização do Eros passional como protótipo da felicidade é um ideal do romantismo. Vale mencionar que Eros terno e Eros passional não se negam, apenas são outras formas qualitativamente diferentes de vínculo afetivo, tendo significações subjetivas diferentes.

Dessa maneira, a felicidade se constitui como a satisfação sem restrições do prazer erótico e o sofrimento se constitui como resultado do sufocamento de Eros, impedido de ir atrás de seus prazeres. Assim, os riscos do sofrimento amoroso ligam-se à cristalização e fixidez das vias na busca da Felicidade.

Por fim, de modo a repensar o pai da horda primeva e a dicotomia pulsional nela instalada, é possível delimitar um fio articulador entre o texto *Totem e tabu* (1913) e o texto *Moisés e o monoteísmo* (1939). No segundo texto citado, Freud define Moisés como sendo

aquele que escolhe, que elege, que ama, que fornece as leis, que introduz os escravos no mundo da cultura ... ele é ao mesmo tempo o verdadeiro pai: aquele que fornece aos outros o sistema simbólico que os permite existir e continuar sua obra (Enriquez, 1990, p. 123).

E assim como visto em “Totem e tabu” (1913), o pai da horda primitiva está fadado a ser morto, uma vez que se baseia na reflexão sobre os fundamentos do ódio direcionado mais especificamente aos judeus. Dessa forma, os acontecimentos da formação da cultura em “Totem e tabu” estão presentes também na tese sobre “Moisés e o monoteísmo”.

Portanto, para falarmos de amor e de ódio em Freud passamos pelas suas obras desde “Totem e tabu” (1913); “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914); “As pulsões e suas vicissitudes” (1915); “Reflexões para os tempos de guerra e morte” (1917); “Além do princípio de prazer” (1920); “Psicologia de grupo e a análise do ego” (1921); “O Ego e o Id” (1923); “O mal-estar na civilização” (1930); até *Moisés e o monoteísmo* (1939). Através do conjunto de todas as nove obras citadas acima,

podemos estabelecer a importância e relevância, mesmo que indiretas, do amor e do ódio no desenvolvimento psíquico do indivíduo, assim como nas suas relações sociais. Nota-se que amor e ódio são sentimentos que andam lado a lado na constituição psíquica, sendo um tema recorrente em Freud.

5. AMOR E ÓDIO EM MELANIE KLEIN

Posterior às obras de Sigmund Freud, temos as obras de Melanie Klein (1882-1960) que também trabalha com o tema amor e ódio na constituição psíquica, partindo da expansão e fortalecimento dos estudos acerca da relação do sujeito para com o objeto. De acordo com Klein, o objeto é imprescindível para estruturação do sujeito e sua percepção e compreensão do mundo, uma vez que o princípio de realidade é estabelecido através dele. As relações de objeto ocorrem desde o princípio da vida, sendo que o primeiro objeto é o seio da mãe, desde então o amor e ódio passam a disputar atenção da mente do indivíduo. Esse conflito gera medo no indivíduo provocando um avanço no desenvolvimento do mesmo, uma vez que novos sentimentos entram em jogo tornando-se parte integrante do sujeito.

Klein, em sua teoria, não desconsidera as fases de desenvolvimento trabalhadas por Freud, entretanto, cria o conceito de “posição”, que define como situação dinâmica, com interações múltiplas em fantasias, de uma constelação global de ansiedades, defesas e relações de objeto (Lannes, 2008). Segundo Klein, há duas posições/fases das quais o bebê vive no início de sua vida, constituindo-se de vivências que são indispensáveis para sua formação como sujeito. Entre elas estão a posição esquizoparanóide e a posição depressiva.

A posição esquizoparanóide ocorre na fase oral definida por Freud, em tal fase o bebê não tem uma relação autônoma nem totalizante com o outro. O indivíduo nessa fase estabelece uma relação parcial com o primeiro objeto, o seio materno. Para ele, o seio é tido como uma extensão de si mesmo e não como uma parte que se integra a um todo. Existe uma dificuldade em discernir que o seio que satisfaz a angústia de sua fome não faz parte do seu próprio corpo. A partir dessa relação parcial, é gerado no bebê uma ansiedade paranoide, governado pela angústia e desconforto resultante do seio que sacia e faz falta. Baseado nessa relação parcial com o objeto, o sujeito se desenvolve através da projeção e introjeção, surgindo a sensação daquilo que Klein descreve como bom e mau. Nessa relação o objeto inicialmente fica cindido em um

seio bom (gratificador) e um seio mau (frustrador), uma divisão evidenciada pela atuação do amor e do ódio.

O objeto parcial é sentido como mau como decorrência da projeção de ódio que o sujeito faz sobre o objeto. Esta projeção é experienciada de maneira agressiva pelo ego do bebê, o objeto é constituído como perigoso devido a sua força intensa e, conseqüentemente, há uma sensação de medo permeada interna e externamente no sujeito, gerando ansiedade. Klein afirma (1996, p. 304) [...] a criança os considera [os objetos “maus”] realmente perigosos – perseguidores que irão devorá-la, esvaziar o interior do seu corpo, cortá-la em pedaços, envenená-la – em suma, promover sua destruição de todas as maneiras que o sadismo pode inventar.

A criança cria uma imagem distorcida e fantástica dos objetos, que se instalam no mundo externo e no ego. Na medida em que o objeto é tido como perigoso, como mecanismo de defesa, o bebê nega a realidade na qual está inserido. Inclusive, a ansiedade criada nessas situações pode ser comparada às psicoses adultas, uma vez que é nesta época que se desenvolve uma estrutura psicótica que é capaz de se manifestar na vida adulta. É essa negação que o psicótico faz para se defender de algo tão mal e intenso que poderia destruí-lo, causando grandes restrições no mecanismo de introjeção e projeção, levando-o à negação da realidade externa (Pereira de Castro, 2020). Esse método de defesa contra o medo de perseguidores é chamado de escotomização, o indivíduo permanece com a ideia de um objeto parcial e fragmentado que lhe causa terror.

Diante dessa situação, o ego é cindido projetando aquilo que é mau para fora enquanto o instinto de vida é dividido de modo a reconstruir o objeto bom para assim introjetá-lo e mantê-lo distante de qualquer ameaça de aniquilamento. O indivíduo ao subdividir o objeto bom, acaba projetando para fora aquilo que foi danificado pelo seu ódio, buscando uma reparação do objeto introjetando-o de modo a protegê-lo.

Por outro lado, a posição depressiva é justamente quando o sujeito integra o objeto parcial e percebe que a parte odiada do objeto e o desprazer causado por ele é exatamente a mesma parte que está responsável pelo cumprimento de suas necessidades causando o prazer.

Com essa alteração na percepção do objeto, há uma mudança fundamental no ego, porque, assim como a mãe se torna um objeto total, o ego do bebê

se torna um ego total, e é cada vez menos dividido (split) em seus componentes bons e maus. (Hanna Segal, 1975, p. 81-82)

Logo, a posição depressiva é a fase do desenvolvimento em que o sujeito entende a totalidade do objeto e, por conseguinte, amplia sua relação e interação com o mundo, reconhecendo outros fatores que estão no seu ambiente, como exemplo a figura paterna. Nessa nova relação com a realidade, o bebê pode caracterizar as outras pessoas como boas ou más, presentes ou ausentes e que, por sua vez, podem ser amadas ou odiadas. Forma-se uma certa maturidade neurológica, onde o indivíduo está exposto a diferentes sentimentos, especialmente pela culpa de ter danificado o objeto bom.

Dessa maneira, ambas posições descritas por Klein são constituídas de amor e de ódio, sendo permeadas pelo sentimento de ansiedade. Na posição esquizoparanóide, essa ansiedade é persecutória, o afeto em ênfase é o ódio e o objeto é dividido e parcial. Na posição depressiva a ansiedade é a culpa, o afeto em ênfase é o amor e o objeto é integrado e tido como total. Os componentes esquizoparanóides e depressivos vividos no primeiro ano persistem por toda a vida e ditam os padrões esquizoparanóides e depressivos das relações, flutuando conforme os sentimentos de perigo frente a ameaças por “objetos-forças” externo-internos. (LANNES, 2008).

No início da vida, o bebê vai definindo o que lhe causa prazer e desprazer e está submetido a lidar e tolerar o desprazer, a falta e ausência que lhe gera ansiedade. A elaboração dessa ansiedade é reinventada na forma em que o indivíduo lida com a falta do objeto de prazer, com os afetos amor e ódio, transformando-o a em uma força criadora, reduzindo a destrutividade do ódio. Em vista disso, a ambivalência amor e ódio são o coração da intuição kleiniana (Lannes, 2008).

6. AMOR E ÓDIO EM WINNICOTT

D. W. Winnicott (1896-1971) é outro autor pós-freudiano que tem trabalhos fundamentais para o entendimento da relação dialética entre amor e ódio. Os estudos de Winnicott centralizam as relações objetais que o sujeito cria ao longo de sua vida assim como aprofundam a análise sobre o desenvolvimento psicológico do ser humano.

De acordo com o autor, o sujeito humano decorre da sua relação com o outro, da primeira relação estabelecida com seu cuidador/mãe. A princípio, o bebê e a mãe estão fusionados, sendo considerados como uma “unidade psíquica” onde inicialmente o ambiente do bebê resume-se a mãe e que apenas depois este vai se modificando para algo externo e separado. De modo que ocorra o processo de desenvolvimento tanto psíquico como emocional e físico do bebê, é necessário, portanto, que ocorra uma diferenciação desta díade.

Esta díade em questão é permeada tanto de amor quanto de ódio. Em suas obras, Winnicott introduz os termos agressividade e destrutividade. A agressividade é algo inerente à natureza humana e, por sua vez, sofre transformações e adquire diferentes propriedades ao longo do processo de amadurecimento. Em vista disso, a agressividade tem um papel fundamental no estabelecimento de contato com a realidade externa, isto é, na distinção entre eu e não eu e do outro como diferente de mim.

Dessa maneira, pode-se afirmar que no desenvolvimento do indivíduo a agressividade é indissociável do amor, uma vez que a condição para amar seria a capacidade de reconhecer alteridade do objeto do amor. “Se a agressividade é perdida nesse estágio de desenvolvimento emocional, ocorre também a perda de uma parte da capacidade de amar, ou seja, relacionar-se com objetos” (Lejarraga, Ana Lila, 2002). Assim, é descrito uma relação de ambivalência onde a “a agressividade faz parte da expressão primitiva do amor” (1958b, p. 289).

A forma mais primitiva de amor, de acordo com Winnicott, relaciona-se diretamente com a noção de voracidade, sendo conhecido também como amor-apetite-primário e amor boca sem se diferenciar de apetite e excitação, onde a destrutividade e agressividade estão em seu núcleo. A mãe disponível e adaptada às necessidades de seu bebê oferece-se para ser consumida e devorada. A criança vai ao encontro da mãe com violência, movido por sua tensão instintual atacando-a vorazmente, retomando o conceito de amor que devora, consome e machuca. O paradigma do amor primitivo, portanto, liga-se à voracidade, sendo intrinsecamente destrutivo e agressivo, mas não comportando uma intencionalidade agressiva. Em vista disso, o primeiro sentido do amor é o de existir e ser amado e o segundo sentido do amor relaciona-se com o impulso voraz e impiedoso com que o bebê se dirige à mãe.

Para Winnicott, a agressividade é sinônimo de movimento espontâneo/motricidade uma vez que esta leva o bebê ao encontro do meio ambiente levando-o à um processo de descoberta e redescoberta do mundo. A agressividade é responsável pelo contato com o mundo e pela realidade compartilhada. A partir da oposição do bebê com um objeto externo real, é permitido que a motricidade do bebê se desenvolva em potencial agressivo e possa ser experienciada como real, fortalecendo a concepção do bebê de existir, possibilitando que o mundo externo comece a adquirir características específicas.

Conclui-se que a destrutividade é inerente ao amor sendo expresso pela voracidade. A partir do amadurecimento do indivíduo e do desenvolvimento de sua capacidade de usar objetos, o amor tem como retaguarda a destruição do objeto amado. Na medida em que o amor de indivíduo conquistou o estatuto de unidade ele poderá amar um outro reconhecido como diferente e separado. Como consequência de experiências repetidas de destruição e sobrevivência do objeto, o indivíduo começa a aceitar a objetividade do mundo percebendo que esta não se submete a sua onipotência. Assim, a destruição desempenha papel fundamental no próprio estabelecimento do princípio de realidade, pois permite o reconhecimento do objeto real externo.

A partir da capacidade do indivíduo usar o objeto, isto é, tê-lo encontrado e reconhecido sua existência independentemente, este forma-se parte da realidade externa. Em vista disso, o bebê deve destruir a mãe como objeto subjetivo e reconhecê-la como parte da realidade externa compartilhada. Assim é feita destruição do objeto subjetivo, uma destruição potencial e interna que acontece na fantasia. Quando o objeto sobrevive a destruição ele torna-se real e independente, uma vez que está situado fora da área do controle onipotente do sujeito. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia (inconsciente)" (1969i, p. 174).

Na medida que são feitas contínuas destruições de objeto e ocorre a sobrevivência destes, o indivíduo aceita a objetividade do mundo que não submete a sua onipotência, construindo o princípio de realidade. A partir da destruição e sobrevivência do objeto, o mesmo poderá ser usado e amado uma vez que se constitui como diferente do eu. "A agressão está sempre ligada ao estabelecimento de uma distinção entre o que é eu e o que é não-eu" (Winnicott 1964d, p. 98)

O processo de amadurecimento do bebê como sujeito decorre da íntima articulação entre amor e ódio que, por sua vez, são produto da relação mãe e bebê. A partir dessa relação, o mundo do bebê pode ser criado, recriado, inventado e reinventado a partir do prazer e do desprazer sentidos ao longo desse processo inicial do existir e se constituir como ser humano. (PEREIRA DE CASTRO, Maria Josivalda, p. 163, 2020)

Essa dinâmica entre a díade mãe/bebê denominamos de amor, pois quando a mãe oferece o seio ao bebê para saciar a fome deste, ela não está só o alimentando, mas também contribuindo ou possibilitando que ele invente/crie algo que está ali para ser descoberto. Dessa forma, o bebê cria uma ilusão de que descobriu/criou algo a partir de uma necessidade dele, e esses são os primeiros impulsos do amor criativo. (PEREIRA DE CASTRO, Maria Josivalda, p. 162, 2020).

Winnicott estende seus estudos dos primórdios da vida do bebê, concluindo que a agressividade tida inicialmente como motilidade e apetite se integra à personalidade do sujeito, sendo indispensável para o seu relacionamento com os outros. Inclusive, Winnicott menciona que caso a agressividade não se integre à personalidade total do indivíduo, a mesma será escondida ou cindida, resultando em timidez, autocontrole, comportamento antissocial, violência ou compulsão à destruição.

7. AMOR E ÓDIO EM LACAN

Jacques Lacan (1901-1981) foi um psicanalista francês que também contribuiu para os estudos acerca do amor e, concomitantemente, do ódio. Esse tema é presente na nossa cultura e, para o autor, é constitutivo do sujeito. Em suas obras Lacan discorre acerca dos processos de constituição do sujeito, especialmente partindo do estágio do espelho como formador da função do eu, gênese do sujeito psicológico. Lacan estabelece três tempos dialéticos que marcam a conquista do corpo próprio.

O primeiro momento é de uma confusão primordial entre o eu e o outro, trata-se de um momento de transitivismo. A diferença entre eu e outro não está clara, é uma fase do duplo (hipnótico), na qual encontra no espelho uma imagem que a criança percebe como outro. Logo, é uma fase de indiferenciação do eu em relação ao mundo, não se sabe o que é ele e o que é o outro. Por exemplo, nessa fase, o bebê não é capaz de distinguir sua própria existência em relação ao seio da mãe, ele e o mundo estão juntos em um caos.

Já o segundo momento, é quando a criança descobre que o outro no espelho é uma imagem, na qual o sujeito se confunde com a imagem. A criança indaga: eu estou lá ou eu estou aqui? Nessa fase é comum que a imagem seja tratada como rival. Por último, o terceiro tempo dialético é representado quando o bebê reconhece sua imagem no espelho, tendo uma visão de corpo unificado. O sujeito se reconhece na imagem, essa imagem está investida de um valor; ela é integrada como o eu. É a fase de formação do eu, necessitando, portanto, de um refinamento do psiquismo para se chegar a esse terceiro tempo.

O estágio do espelho é uma situação prototípica do reconhecimento especular, onde a criança percebe a imagem no espelho e se reconhece. Inicialmente, como mencionado, não há diferenciação entre o eu e o outro. Em seguida, o sujeito percebe seu próprio corpo na imagem do outro, aquele que está de posse da imagem do sujeito. Essa imagem é uma imagem dela e ao mesmo tempo não dela, pois está alienada. Nessa situação, há “

uma identificação alienante, produtora de tensão, e que tem como consequência imediata a necessidade de destruir esse outro, essa fonte de alienação” (GARCIA-ROZA, 1999, p.68). (...) “se meu eu está fora de mim, no outro, se meu desejo por consequência é o desejo do outro, é preciso destruir esse outro para que eu possa tomar o seu lugar” (IDEM, p.68).

O estágio do espelho oferece uma antecipação da representação do corpo próprio que vem de fora. O outro imaginário é o protótipo primordial do ego, é o indício de uma totalidade corporal integrada cuja criança ainda não vivenciou. Assim, garante-se seu caráter constitutivo que está atrelado à identificação imaginária do outro.

De modo a relacionar o estágio do espelho com amor e ódio, cabe ressaltar que ser amado é condição indispensável para o desenvolvimento do ser humano e que a constituição do eu por Lacan é descrita pela relação do sujeito com o espelho. “O que o espelho mostra é o modo como o sujeito é visto pelo outro, e conformar-se ao que o outro *espera ver* é, então, condição para a garantia de seu amor, pelo menos na fantasia.” (SIMANKE, 2019).

Tanto o amor como o ódio resultam da presença do Outro na constituição do sujeito, não podendo ser separados. Lacan afirma que o ódio surge de primeiro instante, existindo como constitutivo do sujeito, como repercussão da hostilidade envolvida na relação entre o sujeito e o Outro. De acordo com o autor, o Outro

simultaneamente constitui e frustra o sujeito. O ódio é resultado da frustração do sujeito diante ao Outro que o inibe da completude que é tanto almejada pelo sujeito.

Dessa maneira, o ódio primordial diz respeito ao ódio do Outro. Na medida em que o amor não supre a falta inerente ao sujeito, é desencadeado uma hostilidade dirigida ao Outro. “O amor não apenas é incapaz de extinguir o ódio, como também este último tende a ser alimentado, a cada desencontro promovido pela defasagem que está em jogo neste movimento do sujeito, de demandar algo ao objeto. (FLANZER, 2006). O sujeito demanda uma completude totalizante do Outro, entretanto apenas recebe uma parcialidade, desdobrando-se em um sentimento de ódio que busca diminuir o Outro. Assim, pode-se afirmar que enquanto o amor busca apreender o ser do Outro, o ódio visa sua destituição.

Essa relação retratada acima é bem descrita no seminário 5 (1957- 1958), onde Lacan contribui para a concepção de que o ódio se encaminha na direção de assemelhar-se a uma destruição. Para isso, trabalha com a relação estabelecida entre o desejo e o Outro, uma vez que o autor afirma que há algo de destrutivo para o sujeito dentro do campo do desejo. Logo, o desejo compreende algo de destrutivo para o sujeito, nascendo de uma discrepância notada pelo sujeito em relação ao Outro. Ao mesmo tempo em que o desejo nega o Outro, o desejo necessita o seu apoio. Diante dessa ambivalência, o sujeito se encontra em posição de suspensão de seu desejo, pois às vezes acaba tendendo a evitar seus desejos já que o Outro pode provocar o seu desprezo por destacar-se a falta do Outro.

Em contraponto, no Seminário 20 (1972-1973), Lacan destaca que o ódio não se resume a querer a destruição do outro, é aquilo que resulta de quando se quer o bem do outro. Segundo o autor, “o verdadeiro amor desemboca em ódio” (Lacan, 1972/3, p.121-135). Em outras palavras, o ódio advém de quando o sujeito quer o bem com o outro. O amor está, portanto, correlacionado com o ódio de maneira irreversível. Inclusive, de forma a caracterizar essa relação, Lacan cria o neologismo “amódio” que se constitui como um enamoramento que parte tanto do ódio como do amor.

“Quando Lacan inventa o neologismo ‘amódio’ e afirma que ‘o verdadeiro amor desemboca no ódio’, e ainda que ‘não conhecer de modo algum o ódio é não conhecer de modo algum o amor também’, é para frisar que se o amor colmata uma falha, o ódio a escancara: ao perder o objeto amado, o sujeito sofre não tanto pela perda do objeto, mas pelo fato de ter que vir a se defrontar – novamente – com a falta originária de objeto, que era tão prazerosamente escamoteada pelo objeto amoroso. O ódio advém como a

revelação fulminante de uma falta que não pode ser preenchida e que, ilusoriamente, o objeto amoroso parecia tamponar – logo, o ódio advém pela percepção violenta, intrusiva, da ilusão inerente ao objeto amoroso” (JORGE, 2010, p.179).

Além disso, é importante salientar também que para Lacan, em toda e em qualquer análise, não há amor sem ódio, estes mesclam-se, misturam-se e confundem-se. Ambos se manifestam no decurso de uma análise, sendo vias de realização do ser, podendo ser um obstáculo ou um facilitador do processo analítico. Na análise, Lacan ressalta que é de suma importância que o sujeito entenda que o Outro é também incompleto, fato muitas vezes encoberto pelo amor e destacado pelo ódio. Há de se frisar, que a análise é o ambiente na qual o sujeito entra em contato com a concepção de que não há alguém para se odiar.

8. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Amor e ódio estão sempre entrelaçados. Mesmo que você encontre um artigo com o título somente escrito “ódio”, há uma impossibilidade do conteúdo ali presente não se articular com o termo “amor”. Assim, ao pesquisar um texto com o termo ódio via de regra aparece o tema amor e isso se estende para diferentes situações da vida do indivíduo. É a experiência de que uma coisa carrega em si mesma a outra, andando lado a lado.

Amor e ódio vivem uma relação dialética e ambivalente. Embora sejam entendidos como antagônicos em nossa cultura, eles têm tudo a ver. Ambos são sentimentos que se direcionam ao objeto a partir do prazer e do desprazer que esse nos causa, não sendo de fato opostos. A sociedade tende a tentar distinguir e antagonizar o amor do ódio, o que, por sua vez, valoriza um e desvaloriza o outro. Entretanto, ao tentar separar o sujeito de um, conseqüentemente você acaba amputando-o de sua humanidade.

Só conhecemos uma coisa em contraste com a outra, no caso o amor em contraste com o ódio. Um sustenta o outro. A concepção de ambivalência exprime a coexistência no mesmo plano do amor e do ódio. Inclusive, como mencionado anteriormente, a palavra “ódio” apenas aparece no dicionário de psicanálise de Laplanche e Pontalis (2001) quando se refere à sua ambivalência, ligando-se ao termo amor.

Esses afetos não se excluem, mesmo possuindo características diversas, eles permanecem no mesmo campo. Um carrega em si o outro e, portanto, um torna o outro possível. Os dois se fundem e interdependem, um não extingue o outro, muito pelo contrário, um é indissociável do outro. A habilidade de amar está ligada à habilidade de odiar. Ao encontrarmos o amor, também encontramos o ódio e tudo que ele engloba.

A relação entre amor e ódio é percebida desde o início da vida do sujeito, faz parte do cotidiano de cada indivíduo, estando presente de maneira constante em nossas vidas. Por conseguinte, possui um papel fundamental na nossa estruturação psíquica, na formação do eu.

A psicanálise oferece uma visão profunda sobre a relação entre amor e ódio na constituição psíquica do indivíduo. Há de se compreender que o amor e o ódio têm muitos aspectos, sendo uma modalidade grande demais para se reduzirem a apenas uma categoria, especialmente por existirem muitas formas diferentes nas quais o amor e o ódio se manifestam.

O tema do amor e ódio na constituição psíquica é abordado de forma significativa por diversos teóricos da psicanálise, como Sigmund Freud, Melanie Klein, Donald Winnicott e Jacques Lacan, ficando evidente que o amor e o ódio estão intrinsecamente ligados e desempenham papéis fundamentais na estruturação psíquica.

Ao analisar as obras dos autores mencionados, podemos identificar algumas semelhanças e diferenças em suas abordagens. Cada autor contribui de forma única para a compreensão desses processos complexos e oferece perspectivas complementares sobre o tema.

Embora os autores abordem o tema de maneiras diferentes, há pontos de convergência e interseção. Todos reconhecem a presença concomitante do amor e do ódio e destacam a importância desses sentimentos na formação do psiquismo, especialmente devido a sua ambivalência nesse processo. Os autores enfatizam a influência das primeiras relações, especialmente com a figura materna, na constituição do sujeito. Além disso, todos mencionam a interconexão desses afetos na vida de cada um dos indivíduos.

Freud, com suas diversas obras, foi o primeiro a explorar a ambivalência dos afetos como componentes essenciais na constituição psíquica do sujeito e nas relações sociais ao longo da vida. De acordo com ele, esses sentimentos estão presentes desde o início do processo de desenvolvimento do sujeito até suas interações na sociedade, e não são vivenciados separadamente, mas sim concomitantemente.

Dessa maneira, destaca a relação entre amor e ódio nos primeiros laços entre sujeito e objeto, ressaltando como o amor e o ódio coexistem na formação da personalidade do indivíduo. O ódio é descrito como um afeto primário que está ligado à destruição, enquanto o amor é vital e construtivo, sendo uma tendência à união. Relaciona o ódio à pulsão de morte, enquanto o amor está ligado à pulsão de vida. Freud também discute o amor e o ódio em contextos sociais, demonstrando como esses afetos influenciam o indivíduo e a sociedade, afetando o desenvolvimento cultural e o senso de culpa.

Melanie Klein, por sua vez, ampliou a compreensão da relação entre amor e ódio, mas seu foco não está na relação com a sociedade, mas sim na relação com o primeiro objeto presente na infância, enfatizando como esses afetos são indispensáveis não somente para estruturação psíquica do sujeito, como também para sua percepção e compreensão do mundo. Frente a isso, desenvolve a teoria das posições esquizoparanóide e depressiva. Ambas as posições descritas por Klein são constituídas de amor e de ódio, estão presentes desde os primórdios da existência humana e determinam os padrões esquizoparanóides e depressivos das relações, persistindo durante toda a vida.

Klein descreveu a relação entre amor e ódio na posição esquizoparanóide, na qual o objeto é percebido como bom e mau, onde a criança estabelece uma relação parcial com o objeto, percebendo-o como uma extensão de si mesma e na posição depressiva, na qual o sujeito integra o objeto parcial e reconhece suas características tanto amadas quanto odiadas.

Para Klein, a capacidade de lidar com a ambivalência do amor e do ódio e integrar esses afetos é crucial para uma construção psíquica saudável. De acordo com Freud e Klein, a participação do amor e do ódio no desenvolvimento trata-se de algo inato para o indivíduo.

Já a perspectiva de Winnicott enfatiza a importância do estabelecimento da relação mãe-bebê no processo de desenvolvimento psíquico, emocional e físico do bebê e do papel do ambiente como facilitador disso. Ele discutiu a agressividade e o ódio como componentes normais e cruciais no estabelecimento do contato com a realidade externa e na distinção entre o eu e o não eu, sendo que a agressividade está intrinsecamente ligada ao amor, uma vez que a capacidade de amar está relacionada à capacidade de reconhecer a alteridade do objeto amado.

O processo de amadurecimento do bebê como sujeito decorre, portanto, da íntima articulação entre amor e ódio, que são produtos da relação entre mãe e bebê. Essa dinâmica complexa e contraditória desempenha um papel fundamental na formação da identidade e na compreensão do mundo pelo indivíduo, estando diretamente ligada à sua estruturação psíquica.

Por último, Lacan explorou a dimensão simbólica e o papel do Outro na formação da função do eu e na gênese do sujeito psicológico. Ele enfatizou a presença do amor e do ódio desde o primeiro instante, como resultado da hostilidade envolvida na relação entre o sujeito e o Outro. O amor desempenha um papel significativo no processo de constituição do sujeito, mas não supre a falta inerente a ele, o que gera uma hostilidade direcionada ao Outro. O amor e o ódio estão, portanto, intrinsecamente correlacionados de maneira irreversível. Lacan, inclusive, criou o termo “amódio” para retratar a ambivalência e dialética do amor e do ódio, expressando a dualidade e a imbricação desses afetos na constituição do sujeito.

Em suma, esses quatro teóricos da psicanálise - Freud, Klein, Winnicott e Lacan - oferecem perspectivas complementares e enriquecedoras sobre o tema do amor e ódio na constituição psíquica. Suas teorias nos ajudam a compreender a complexidade desses afetos, suas interações e implicações no desenvolvimento psíquico e nas relações interpessoais.

Todos reconhecem a presença e a importância do amor e do ódio, eles exploram a relação entre esses afetos, destacando suas manifestações nas relações objetais, na formação do ego e na diferenciação do eu em relação ao outro.

Os autores apenas divergem a partir dos construtos teóricos utilizados por cada um. Freud introduz, por exemplo, que o ódio é um afeto primário, enquanto o amor era considerado vital e construtivo, introduz a dicotomia entre Eros (ligação e união) e

Tânatos (desligamento e destruição), relacionando-os ao amor e ao ódio e sua ambivalência, além de discutir a relação entre amor e ódio em contextos sociais. Melanie Klein utiliza a posição esquizoparanóide e depressiva para abordar o tema. Já Winnicott enfatizou a importância da relação mãe-bebê e do ambiente facilitador para o desenvolvimento saudável do self, introduzindo a agressividade e o ódio como componentes normais e cruciais. Por último, Lacan utiliza o estágio do espelho e a relação do sujeito com o Outro para se tratar da relação do amor e do ódio.

Há distinções no modo em que cada autor chegou às suas conclusões, cada um focou em um aspecto diferente criando um construto diferente, mas que não necessariamente anula outros, uma vez que todos concluem que a dialética do amor e do ódio é fundamental para a constituição psíquica do ser.

Portanto, o processo de desenvolvimento psíquico é permeado pela ambivalência desses sentimentos, que coexistem desde os estágios iniciais da relação mãe-bebê até as relações sociais na vida adulta. Essa relação entre amor e ódio não é linear nem estática, ela perpassa de maneiras diversas no psiquismo do sujeito de acordo com as experiências e interações com o ambiente e com os outros. O amor é essencial para a construção do eu, fornecendo a base para a identificação e a capacidade de se relacionar com o mundo externo. No entanto, o ódio também desempenha um papel crucial, revelando-se como uma reação à frustração e à falta de completude desejada pelo sujeito.

A noção do amor e do ódio é condição do desenvolvimento complexo e diferenciado do sujeito, da própria subjetividade dele, da sua autonomia. Esses dois afetos são essenciais para o processo de formação do eu e da subjetivação, permitindo a separação egóica do mundo exterior e a formação de instâncias intrapsíquicas diferenciadas. É importante destacar que o amor não substitui o ódio, e vice-versa. Ambos são partes integrantes da psique humana e desempenham funções essenciais. O reconhecimento e a compreensão dessa dualidade emocional são essenciais para o amadurecimento psíquico e a construção saudável das relações interpessoais.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, posso concluir que o estudo da dialética do amor e ódio na constituição psíquica sob a perspectiva da psicanálise nos permite compreender a complexidade dos seres humanos, revelando que esses afetos coexistem e desempenham papéis cruciais na formação do sujeito. Aprofundar-se nesse tema nos ajuda a compreender melhor as dinâmicas emocionais, as relações interpessoais e os processos de amadurecimento psíquico, contribuindo para uma compreensão mais ampla do indivíduo.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1 Abram, J. 2000. A Linguagem de Winnicott: Dicionário das Palavras e Expressões Utilizadas por Donald W. Winnicott. Trad.: SILVA, Marcelo Del Grande da. Rio de Janeiro: Editora Revinter Ltda.
- 2 ALBORNOZ, A. C. G.; NUNES, M. L. T.. A dor e a constituição psíquica. *Psico-USF*, v. 9, n. 2, p. 211–218, jun. 2004.
- 3 Barbato, Welson O AMOR depende do ódio |. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2CKmGRpf4L0>. Acesso em: 9 maio 2022
- 4 Benhaïm, M. 2007. Amor e ódio: a ambivalência da mãe. Rio de Janeiro: Cia de Freud. Freud, S. 1974. Sobre o narcisismo primário. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV (1914-1916). Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. (Trabalho original publicado em 1914).
- 5 BONFIM, F. G.. Amor - Ódio: devastação na relação mãe e filha. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 26, n. 1, p. 245–252, jan. 2014.
- 6 BUSTOS, Dalmiro. Perigo amor à vista. [S. l.]: Editora Aleph, 1990
- 7 CASTRO, Maria Josivalda Pereira de. AMOR E ÓDIO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO HUMANO. In: REFLETINDO a psicanálise: ano 02. 1. ed. Recife: EDUFRPE, 2020. cap. Capítulo VIII, p. 144-167. Disponível em: <http://www.spr-pe.org.br/livro.pdf#page=149>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- 8 CAVALCANTE, Rosanny Moura. O Estádio do espelho na obra de Jacques Lacan. 2014. Pós-graduação (Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Maceió, 2014. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/jspui/bitstream/riufal/1239/1/O%20est%C3%A1dio%20do%20espelho%20na%20obra%20de%20Jacques%20Lacan....pdf>. Acesso em: 9 maio 2023.
- 9 CORREA, Alexandre Fernandes. O ódio em três textos de Freud: reflexões sobre ambiguidade, hostilidade e identificação. *Reverso*, Belo Horizonte , v. 41, n. 77, p. 23-30, jun. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 set. 2022.
- 10 DELOUYA, Daniel. Além do princípio do prazer: entre pulsões, vida e morte. *Rev. bras. psicanál*, São Paulo , v. 54, n. 1, p. 48-60, mar. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2020000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 out. 2022.
- 11 DIAS, Elsa Oliveira. Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Nat. hum.*, São Paulo , v. 2, n. 1, p. 9-48, jun. 2000 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000100001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 mar. 2023
- 12 DICIONÁRIO, Michaelis. Amor. [S. l.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/amor/>. Acesso em: 8 abr. 2022.
- 13 DICIONÁRIO, Michaelis. Ódio. [S. l.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/odio/>. Acesso em: 8 abr. 2022.
- 14 Enriquez, E. (1990). Da horda ao estado: Psicanálise do vínculo social. (T. C. Carreiro & J. Nasciutti, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- 15 FERREIRA, Nadiá P. A teoria do amor na psicanálise. [S. l.]: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.
- 16 FONSECA, Maria Carolina Bellico. União e destruição: duas faces do amor. *Reverso*, Belo Horizonte , v. 34, n. 64, p. 63-68, dez. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952012000300009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 maio 2023.
- 17 FRAYZE-PEREIRA, João A.. Arte e inveja: relações entre amor e ódio, clínica e política na era do vazio. *Ide (São Paulo)*, São Paulo , v. 34, n. 52, p. 157-171, ago. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000100016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 mar. 2023.
- 18 FREUD, Sigmund. O mal-estar da civilização. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1930 (1929)] 1996, v. XXI.
- 19 FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1912-13] 1996, v. XIII.
- 20 FREUD, Sigmund. O ego e o id. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1923] 1996, v. XIX._
- 21 FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1905] 1996, v. VII.
- 22 FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1920] 1996, v. XVIII._

- 23 FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1917a (1915)] 1996, v. XIV.
- 24 FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1939 (1934-38)] 1996, v. XXIII.
- 25 FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1915] 1996, v. XIV.
- 26 FREUD, Sigmund. Por que a guerra? In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1933 (1932)] 1996, v. XXII.
- 27 FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1921] 1996, v. XVIII._
- 28 FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1917b] 1996, v. XIV.
- 29 FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1914] 1996, v. XIV.
- 30 GARCIA-ROZA, L.A. Pesquisa de tipo teórico. *Psicanálise universidade*. pp. 9-32, 1991.
- 31 GORI, Roland. O realismo do ódio. *Psicologia Clínica* [online]. 2006, v. 18, n. 2 [Acessado 19 Maio 2022], pp. 125-142. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-56652006000200010>>. Epub 27 Nov 2007. ISSN 1980-5438. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652006000200010>.
- 32 GRAVES, Robert. Os mitos gregos: Volumes I e II. [S. l.]: EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A, 2017.
- 33 GREENBERG, Jay R.; MITCHELL, Stephen A. Melanie Klein. In: *RELACÕES objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artes médicas, 1994. cap. 5, p. 87-110. Disponível em: <https://iepp.com.br/wp-content/uploads/2022/03/Greenberg-Mitchell-1994-Relacoes-objetais-na-teoria-psicanalitica..pdf>. Acesso em: 1 abr. 2023.
- 34 JORGE, M.A.C. Fundamentos da psicanálise, v.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. 288 p. [[Links](#)]
- 35 Klein, M. 1991. Inveja e gratidão e outros trabalhos. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Imago Ed. (Trabalho original publicado em 1946-1963).
- 36 Klein, M. 1996. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Trad.: Cardoso, André. Rio de Janeiro: Imago Ed. (Trabalho original publicado em 1921-1945).
- 37 LACAN, J. A agressividade em psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.104-126. [[Links](#)]
- 38 LACAN, J. O estágio do espelho. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.96-103. [[Links](#)]
- 39 LACAN, J. O seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- 40 Lacan, Jacques. "O estágio do espelho como formador da função do eu". In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998
- 41 LAPLANCHE, & Pontalis. *Vocabulário da Psicanálise*. 4a edição. ed. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda, 2001. Disponível em: <https://edsonsoaresmartins1973.files.wordpress.com/2018/07/laplanche-vocabulc3a1rio-de-psicanc3a1lise.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2022.
- 42 LEJARRAGA, Ana Lila. *Amor em Winnicott*.
- 43 LEJARRAGA, Ana Lila. *Paixão e Ternura: Um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana*. Dumará Distribuidora de Publicações Ltda.: [s. n.], 2002.
- 44 LEMOS, J. G. de. O QUE SIGMUND FREUD NOS FALA SOBRE O ÓDIO?. *Psicanálise & Barroco em Revista*, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 177–190, 2019. DOI: 10.9789/1679-9887.2019.v17i3.177-190. Disponível em: <http://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/9626>. Acesso em: 4 abril. 2023.
- 45 Melo, Clarisse Carneiro Cavalcanti de. *Tecendo encontros e diferenças: um estudo psicanalítico sobre a agressividade e sua articulação com a constituição psíquica*. 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- 46 Nasio, J. D. 2007. Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Trad.: TELLES, André. Rio de Janeiro:
- 47 NISKIER FLANZER, Sandra Sobre o ódio. *Interações* [em línea]. 2006, XII(22), 215-229[fecha de Consulta 19 de fevereiro de 2022]. ISSN: 1413-2907. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35402210>
- 48 Portela, Márcia Mendes. *Qualquer fisga entre amor e ódio: uma leitura da agressividade em Winnicott*. 2008. 124 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008

- 49 ROCHA, Helenice de Fátima Oliveira. Do pai da horda a Moisés: o ideal como articulador entre o sujeito e a cultura. Bol. psicol, São Paulo , v. 62, n. 137, p. 117-127, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 out. 2022.
- 50 SALES, L. S.. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. Revista do Departamento de Psicologia. UFF, v. 17, n. 1, p. 113–127, jan. 2005
- 51 Segal, H. 1975. Introdução à obra de Melanie Klein. Coleção Psicologia Psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.
- 52 Segal, H. 1983. As idéias de Melanie Klein. Trad.: Cabral, Álvaro. São Paulo: Cultrix – Ed. Da Universidade de São Paulo.
- 53 SIMANKE, Richard Theisen. Além do bem e do mal: algumas considerações sobre a visão psicanalítica do ódio. Rev. bras. psicanál, São Paulo , v. 53, n. 1, p. 125-148, mar. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 mar. 2023.
- 54 Winnicott, D. W. 1975. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago Ed. Refletindo a Psicanálise-2020 166
- 55 Winnicott, D. W. 1983. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad.: ORTIZ, Irineo Constantino Schuch. Porto Alegre: Artmed.